



O turismo obscuro e patrimônio edificado.

Fernanda Pereira Liguori,¹

(liguori.fernanda@gmail.com)

Resumo

Este breve ensaio verificou as relações entre o turismo obscuro no patrimônio edificado. Turismo obscuro ou *dark turism* é uma modalidade de turismo praticada por interessados em visitar destinos relacionados à morte, desastres, guerra, sofrimento, violência, tortura. Em geral, essa atividade é desenvolvida em lugares de memória referentes à antigos campos de batalhas, monumentos históricos, locais onde ocorreram desastres naturais (terremotos, maremotos), masmorras e prisões, espaços de genocídio em massa, locais de vida e morte de celebridades, espaços de peregrinação. Em muitos desses locais, há a valorização do patrimônio, por processos de tombamento, espetacularização e turistificação. Para dar conta do objetivo proposto, usou-se como metodologia a discussão das relações entre turismo obscuro e patrimônio edificado pautado em exemplos práticos de turismo obscuro, depois de breve discussão conceitual, partindo do conceito de lugares de memória de Pierre Nora (1993).

Palavra – Chaves: turismo obscuro, lugares de memória, patrimônio edificado

Introdução

Turismo obscuro ou *dark turism* é uma modalidade de turismo praticada por interessados em visitar destinos relacionados à morte, desastres, guerra, sofrimento, violência, tortura. Em geral essa atividade é desenvolvida em antigos campos de batalhas, monumentos históricos, locais onde ocorreram desastres naturais (terremotos, maremotos), masmorras e prisões, espaços de genocídio em massa, locais onde morreram/viveram celebridades, espaços de peregrinação. Em muitos desses locais, há a valorização do patrimônio, por processos de tombamento, espetacularização e turistificação.

Os interessados nessa modalidade turística são movidos pela curiosidade, gosto pela tragédia e pelo mórbido, pela história macabra e mal assombrada desses locais e/ou personagens históricos. O termo *dark tourism* foi cunhado por Lennon & Foley (2006). Os autores

¹ Professora do Tecnólogo em Gestão de Turismo do IFSP, Bacharel em Turismo, Mestre e Doutoranda em Geografia.



afirmam que essa modalidade de turismo teve suas origens nas peregrinações medievais, onde os locais sagrados passam a receber fluxos consideráveis de turistas e acabaram por criar uma economia que gira em torno de serviços prestados aos peregrinos como hospedagem, alimentação, transporte, comércio em geral. Os centros de peregrinação atraem milhares de turistas por ano como é o caso de Santiago de Compostela na Espanha.

O imaginário sobre os destinos de turismo obscuro é criado e reforçado pelas mídias, principalmente a Internet e o cinema. Famosos são os filmes *A Lista de Schindler* (1993) ou *Chernobyl* (2012). Os campos de concentração na Polônia e Alemanha; os campos de batalha da Primeira e Segunda Guerras Mundiais (Hiroshima e Nagasaki, Pearl Harbor); locais de vida e morte de figuras populares (Martin Luther King, John F. Kennedy, Marilyn Monroe, Elvis Presley); locais de desastre nucleares como Chernobyl ou Fukushima; cemitérios e mausoléus (como o Père-Lachaise e o Cemitério da Ricoleta), entre outros, são exemplos de lugares que atraem os interessados pelo turismo obscuro. Essa modalidade de turismo alia cultura e visita a sítios de patrimônio histórico, além de representar um fenômeno da contemporaneidade.

A venda dos lugares de tragédia como produto turístico nada mais é do que mais uma das estratégias do capitalismo de mercantilização do espaço. Como consequência, há a banalização e espetacularização dos lugares de memória. Este breve ensaio visa verificar as relações, inclusive contraditórias, entre o turismo obscuro no patrimônio histórico. Para dar conta do objetivo proposto, usou-se como metodologia a discussão das relações entre turismo obscuro e patrimônio edificado pautado em exemplos práticos de turismo obscuro, depois de breve discussão conceitual, partindo do conceito de lugares de memória de Pierre Nora (1993).

Lugares de memória e turismo

O lugar acumula uma memória coletiva nas suas sucessivas temporalidades, que se constrói a partir de vivências e práticas socioespaciais de indivíduos e suas territorialidades. Essa memória se transforma com o passar o tempo e pode ser cristalizada e/ou ressignificada em função dos acontecimentos que dado lugar guarda.



Conforme afirma Nora (1993, p. 12), "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora". Os lugares de memória surgem para que seus cidadãos relembrem de seu passado e de sua história, que muitas vezes é desconhecido.

Em tempos de sociedade pós-industrial, de acordo com Nora (1993), o passado deve ser tratado como processo pois ele faz parte do presente. E que a memória necessita de referências tangíveis para poder existir, precisa ser reconstituída por meio da criação de arquivos, organização de eventos que celebrem datas comemorativas. Assim os lugares de memória são criados, de acordo com o autor, devido à crise dos paradigmas modernos, para que os indivíduos contemporâneos possam criar identidade, conectar-se e reconhecer os agentes de seu tempo.

Nos últimos anos, os lugares de memória viraram cenário, espetáculo, objeto de consumo e desejo para o turismo contemporâneo. Willis (2014) afirma que há nos locais visitados, ainda que em estado original, um grande componente de teatralidade e espetáculo relacionados à prática do turismo.

Hoje os lugares de memória figuram como os espaços de consumo pausterizados e banalizados para turismo de massa. As novas tecnologias, além de suprimir o tempo de viagem, suprimem também a realidade do espaço. (DEBOARD, 1999)

A cultura, a história e a memória viraram ativos em tempos de capitalismo flexível e movimentam a economia dos destinos turísticos. Harvey (2006) afirma que o investimento em atividades altamente especulativas – como o turismo, os espetáculos, os eventos – virou a solução paliativa e imediata para recuperação de economias urbanas decadentes.

O turismo global é uma expressão da nova economia cultural. “O turismo não é mais que a mercantilização da experiência cultural” (RIFKIN, 2002, p.197), ou seja, trata-se de um tipo de mercadoria cultural vendida na forma de experiência, cuja particularidade desse produto é a venda de vivências autênticas e memoráveis. Stone (2012) afirma que o turismo obscuro e a mercantilização da morte tornaram-se uma característica marcante da contemporaneidade.

Nos últimos tempos, os cenários onde ocorreram tragédias das mais diferentes naturezas – antigas prisões, campos de concentração, usinas nucleares, cemitérios, entre outros – viraram



espaços valorizadíssimos para a indústria do turismo, passando a atrair um número considerável de visitantes por ano.

O turismo tem o poder de promover a valorização da cultura, da memória e da identidade local, podendo induzir a revalorização e a ressignificação do patrimônio, por meio da sua formatação em atrativo turístico. Além disso, o patrimônio enquanto atrativo turístico, pode promover a circulação de pessoas e capitais, estimulando a especulação imobiliária do entorno. Muitas vezes, o turismo impinge ao espaço a necessidade de adaptar-se às hordas visitantes, provocando transformações consideráveis onde se instala. A permanência do turista demanda uma série de adaptações mínimas do destino, que vão desde infraestrutura de acesso à infraestrutura de permanência do visitante, nem que seja apenas por algumas horas. Assim o espaço da tragédia vira também mercadoria e passa a atrair curiosos das mais diversas naturezas.

E, muitas vezes, o turismo é uma atividade incentivada para gerar dividendos em economias estagnadas. Se o destino tem algum atrativo curioso, histórico, cultural ou paisagístico, por que não o tornar turístico e gerar dividendos para a localidade?

O turismo obscuro e as contradições

Atualmente, com a excessiva oferta de destinações e o com o aumento da demanda por viagens, os promotores de destinos estão tornando os produtos turístico cada vez mais diversificados, atendendo às motivações cada vez mais específicas e peculiares, como é o caso do turismo obscuro.

O *dark tourism* ou turismo obscuro (tradução livre), termo cunhado por Lennon & Foley (2006), refere-se a uma modalidade turística que vem sendo estudada desde a década de 1990. Foi também foi chamado de *thanatourism* por Seaton (1996) para nomear uma tipologia de turismo cultural onde os participantes se interessam pela morte e grandes tragédias. Conforme Libermann e Medina (2014), desde os primórdios a humanidade se interessa pelos temas relacionados à morte, como por exemplo, as lutas de gladiadores romanos e as execuções em praça pública.



Segundo Lennon & Foley (2006), o turismo obscuro teria começado na Idade Média com as peregrinações. Os locais sagrados passaram a receber fluxos consideráveis de visitantes e acabaram por criar uma economia que gira em torno de serviços prestados aos peregrinos como hospedagem, alimentação, transporte, comércio em geral. Os centros de peregrinação atraem milhares de turistas por ano até hoje, como é o caso de Santiago de Compostela na Espanha. O peregrino, por sua vez, vem atraído por lendas, milagres, relíquias de santos, pela busca de curas e milagres, ou renovação da fé. A peregrinação ao mesmo tempo em que é turismo religioso é também turismo obscuro, pois envolve visita a espaços sagrados que envolvem a morte e a dor.

O gosto pelos destinos de morte tornou-se bastante acentuado durante a Era Vitoriana no século XIX, no auge do Romantismo. (SEATON, 2010). Gosto esse que chegou até os dias presentes.

O turismo obscuro refere-se a uma forma bastante controversa da prática turística que se dá destinos relacionados à morte, desastres, guerra, sofrimento, violência, tortura. Em geral a atividade é desenvolvida em antigos campos de concentrações, monumentos históricos, locais onde ocorreram desastres naturais (terremotos, maremotos), masmorras e prisões, espaços de genocídio em massa, locais de vida e morte de celebridades, espaços de peregrinação. Em muitos desses locais, há a valorização do patrimônio, por processos de tombamento, espetacularização e turistificação. Os interessados nessa modalidade turística são movidos pela curiosidade, gosto pela tragédia e pelo mórbido, pela história macabra e mal assombrada desses locais e/ou personagens históricos.

“desde que as pessoas são capazes de viajar, têm sido atraídas intencionalmente ou não – para lugares, atrações ou eventos que estão, de uma forma ou de outra, relacionados com a morte, o sofrimento, a violência e o desastre” (STONE, 2005, p. 109).

Hoje as prateleiras das agências virtuais ofertam pacotes dos mais inusitados, como visita aos campos de concentração de Auschwitz ou excursão para a Usina de Chernobyl.

A mídia tem influenciado no aumento do número de turistas aos locais de turismo obscuro. O filme *A Lista de Schindler* de Steven Spielberg, lançado em 1993, assim como outros títulos, influenciou o aumento pelo turismo em campos de concentração. Aliás, os horrores ocorridos



na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) atraem visitantes interessados em turismo obscuro, como é o caso de Auschwitz (Polônia), a Casa do Terror (Hungria) e a Casa de Anne Frank (Holanda).

Auschwitz - Birkenau, antigo complexo de campos de concentração na Polônia, onde foram exterminados 1,5 milhões de judeus no período nazista, figura na Lista de Patrimônio da Humanidade da Unesco desde 2002. Recebeu, de acordo com o site institucional (<http://auschwitz.org>, acesso em 05.05.2017), 1,5 milhão de visitantes só em 2014. O museu e também memorial existe desde 1947. O visitante pode percorrer o complexo formado por edificações que serviam como alojamentos, a câmara de gás, o crematório, entre outros, além de exposições com pertences e objetos dos mortos.

Em Auschwitz 1, inteiramente preservado, existe uma saturação de referenciais conhecidos – amigáveis, diria-se na novilíngua da informática – dispostos dentro do campo, lojas de souvenirs, sanitários modernos, ruas demarcadas, roteiros preestabelecidos, excursões pedagógicas, grupos escolares, pausa para lanche, placas, cartazes, dizeres em várias línguas, explicações, mapas e guias credenciado que fazem tours com os visitantes.

Tudo acaba ganhando um imensamente suportável ar familiar, tornando a visita a Auschwitz uma excursão de férias, um passeio de domingo, uma atividade escolar fora da rotina das salas de aula. As vozes dos visitantes, suas conversas, os chicletes mascados, os suspiros, as lágrimas, o barulho dos cochichos e dos passos, as explicações, as identificações, as dúvidas, tornam Auschwitz, rapidamente apreensível e amortecido. (CYTRYNOWICZ, 1995)

A Casa do Terror -- museu aberto em 2002 em Budapeste, Hungria, onde funcionou o quartel general do partido nazista húngaro -- foi também local de assassinato e tortura de judeus. A casa possui exposições interativas, além de manter salas e salas com mobiliário da época, que contam parte da história dos horrores do nazismo alemão e da ocupação soviética. (<http://www.terrorhaza.hu>, acesso em 05.05.2017)

A Casa de Anne Frank é outro local imperdível para os amantes da história do nazismo. É um museu, aberto em 1960, que funciona num prédio onde várias famílias judias permaneceram escondidas durante a ocupação nazista nos Países Baixos. No sótão da edificação viveu a adolescente Anne, autora do *best seller O Diário de Anne Frank*, até seus quinze anos incompletos, antes de ser enviada a um campo de concentração. Trata-se de uma das atrações mais visitadas de Amsterdã. (<http://www.annefrank.org>, acesso em 05.05.2017)



Outro filme vem influenciando os visitantes aos lugares de memória é o filme *Chernobyl: Sinta a Radiação* de Bradley Parker, lançado em 2012, narra a experiência trágica de seis jovens turistas à Pripriyat, onde ocorreu o desastre nuclear na Usina de Chernobyl ocorrido em 1986. Após o acidente, a cidade (onde fica a Usina) e arredores foram totalmente evacuados devido aos riscos de radiação. Pripriyat, que chegou a ser uma cidade modelo do regime soviético, virou uma cidade fantasma. A Usina de Chernobyl precisou ser envolta por um invólucro de concreto para isolamento da radiação.

Hoje, trinta anos depois ao acidente, é possível realizar a visitação a Chernobyl se o turista contratar uma agência de viagens local e que seja providenciada a autorização junto ao governo ucraniano. Os tours organizados à Pripriyat partem de Kiev, capital da Ucrânia com duração de 8 horas a dois dias com pernoite, oferecem guia que fala inglês e equipamento medidor de radiação. Hoje Pripriyat possui dois hotéis e alguns estabelecimentos de alimentação. Uma das agências locais seduz e impressiona o turista com seu roteiro:

“Excursion to the Chernobyl exclusion zone (CEZ) is like immersion in a computer game. It seems as if you are in another, virtual, dimension. Around you see only post-apocalyptic landscapes, abandoned and dilapidated buildings, wild animals walk freely along the streets, and a dose of radiation can be obtained by taking an extra step to the side. But this is not a game: the alienation zone is a cruel reality that thousands of people have had to endure.”
(https://oddiviser.com/ukraine/chernobyl/one-day-tour-foreigners?utm_source=ga&utm_medium=cpc&utm_campaign=chernobyl-en, acesso em 05.05.2017)

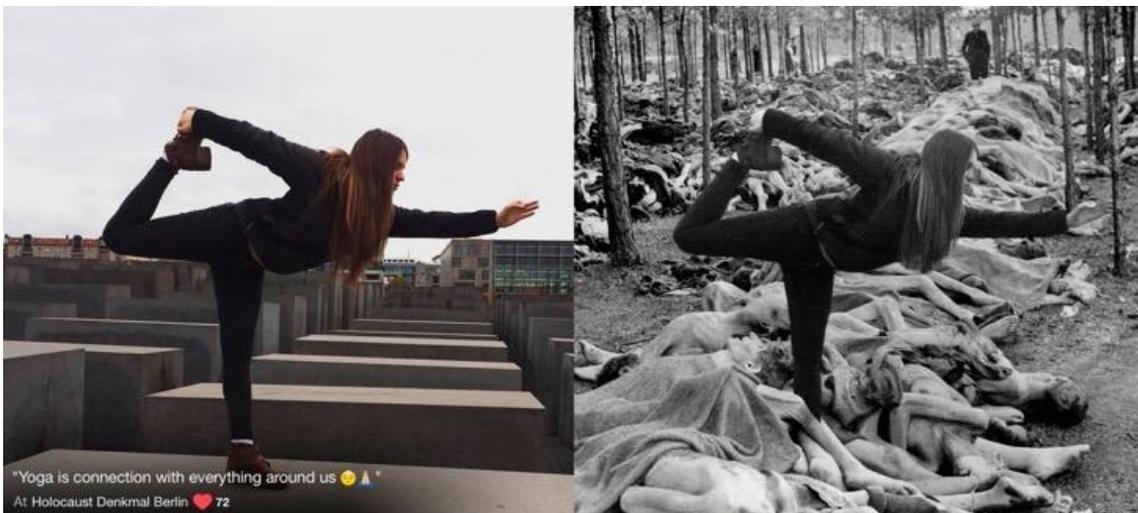
Conforme a relação de interesse com a atração visitada, Sharpley (2009) classifica os visitantes em três grupos. O primeiro é composto por indivíduos de baixo interesse no tema, cuja visita à atração é resultado de uma viagem com outros propósitos. O segundo grupo é o comprometido, cujo turista busca autenticidade nos lugares viajados. Já o último grupo corresponde aos turistas que viajam de maneira intencional na busca de atrações ligadas ao tema.

Com relação ao grau de interesse e de comportamento, propomos, a grosso modo, uma divisão dos turistas que visitam os lugares de memórias trágicas em grupos distintos. O primeiro grupo é composto pelos turistas que tem um conhecimento aprofundado ou mínimo do local visitado, realizando a visita de forma de consciente e respeitosa. Já o segundo grupo é representado pelos turistas que visitam os locais de tragédia de forma alienada, sem refletir sobre os fatos ocorridos ou que conhecem o local, mas agem de forma desrespeitosa.



Representando o segundo de turistas, a cidade de Berlim constitui-se uma das experiências mais curiosas em termos de turismo obscuro, onde a memória passada acaba virando espetáculo para consumo turístico, onde a morte é banalizada e mistura-se com o cotidiano da cidade.

Lançada em janeiro de 2017, a exposição virtual fotográfica *Yolocaust*, projeto do artista israelita Shahak Shapira, critica o lado alienado do turismo, onde o fetiche da paisagem se sobrepõe à memória. O fotógrafo recriou fotos tipo *selfie* de turistas em poses inusitadas que visitaram o Memorial do Holocausto em Berlim - erguido simbolizando a memória dos milhões de judeus exterminados pelo regime nazista –, colocando como cenário de fundo cenas cotidianas dos campos de concentração, tiradas na década de 1940. O resultado é chocante e provocou um grande debate sobre a banalização da cultura e a memória do Holocausto. As fotos foram retiradas de perfis de turistas nas redes sociais e as montagens colocadas numa página virtual (<https://yolocaust.de/>), mas logo foram tiradas do ar por uma questão de direitos de imagens. Em pouco tempo as montagens do artista “viralizaram” na rede. (Fotos 1 e 2)



Fotos 1 e 2 - À esquerda a turista fazendo pose de yoga no Memorial do Holocausto. À direita, a montagem de Shanak Shapira, onde a imagem da turista é sobreposta a uma pilha de cadáveres, foto de um dos campos de concentração nazista. O resultado é chocante. (Fonte: yolocaust.de, (<http://yolocaust.de>, acesso em 05.04.2017)

A exposição *War on Wall*, do fotógrafo alemão Kai Wiedenhöfers, na East Side Gallery de Berlim ou Muro de Berlim, apresentou entre junho e setembro de 2016, um conjunto de fotografias e depoimentos de sobreviventes e mutilados da Guerra da Síria, bem como as



ruínas da cidade de Kobane, destruída por bombardeios. Os murais fotográficos trouxeram, de forma impactante, os horrores da guerra para a população civil. A parte restante do Muro de Berlim ou Muro da Vergonha que dividiu a Alemanha em duas, hoje é um importante museu a céu aberto. No entanto, a cultura do turismo trouxe uma certa banalização diante das imagens expostas, de conteúdo extremamente chocante. Um desrespeito aos atingidos pela guerra civil. (Fotos 3 e 4)



Fotos 3 e 4 - À esquerda, turistas tirando uma selfie nos muros da exposição War in the Wall. À direita, grupos curtindo uma noite de verão em frente aos painéis da exposição. (Fonte: <http://www.waronwall.org/in-pictures/>)

Esses exemplos trazem à tona algumas observações com relação ao consumo turístico aos lugares de memória e patrimônio edificado. Primeiramente, a questão da imagem veiculada pela mídia que promove tais lugares, desperta o desejo do expectador em conhecê-los. O indivíduo quer experienciar os locais de memória e tragédia, paga para chegar até aquele lugar e, como recordação, tira várias fotografias do local, compartilhando as provas de sua presença nas redes sociais. A segunda questão está na especialização dos lugares de memória que são adaptados para se transformarem em lugares turísticos, recebendo toda infraestrutura necessária de permanência do turista, da exposição interativa à lojinha de *souvenirs*. Para virarem produtos turísticos, todo cuidado com a experiência em si, do começo ao fim, precisa receber atenção para que o cliente saia satisfeito na melhor relação custo x benefício. O lugar de tragédia passada vira ativo para a economia local, gerando emprego e renda. E, por conseguinte, movimenta outros elementos da cadeia produtiva como o setor de hotelaria, transportes, alimentação entre outros. A tragédia vira experiência, espetáculo, turismo obscuro. E, o turista, por sua vez, consome esses produtos turísticos, seja da forma consciente e respeitosa, seja de forma alienada.



Considerações Finais

O consumo do espaço pelo turismo apresenta inúmeras facetas. O turismo obscuro é apenas uma delas. A discussão sobre as relações capitalistas criadas a partir do gosto pela tragédia e a economia gerada pelos atrativos, formatados ou não para turismo, não foi esgotado nesse ensaio que procurou levantar apenas alguns elementos relacionados ao tema.

Os lugares de memória são criados para lembrar a humanidade das atrocidades do passado, para que esses erros não sejam mais repetidos. Então, o processo de tombamento é feito para manter viva a sua história. No entanto, à medida que esses lugares viram ativos econômicos sob a forma de produto turístico, a tragédia torna-se mercadoria, banalizada e espetacularizada, podendo ser consumida de forma irrefletida. Muitas vezes essa história poderá ser manipulada, teatralizada e recontada de acordo com os interesses, muitas vezes capitalistas, de quem tem interesse na venda desses espaços. O capitalismo transforma até a tragédia em mercadoria.

Referências Bibliográficas

CYTRYNOWICZ, R. Auschwitz e o turismo da memória. **Revista USP**, Universidade de São Paulo: São Paulo (26), junho/agosto, 1995, p. 148-153

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto 1997.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: AnnaBlume, 2006,

LENNON, J. & FOLEY, M. **Dark tourism. The attraction of death and disaster**. United Kingdon: Thomson Learnig, 2006.

LIEBERMANN, F.; MEDINA, A.M. “Turismo cultural y Dark Tourism: la inclusión de la arqueología del conflicto como nueva oferta al visitante en destinos maduros”. In: **XX Coloquio de Historia Canario-Americana**, 2014, Canarias. Disponível em: <http://coloquioscanariasamerica.casadecolon.com/index.php/CHCA/issue/view/269>. **Acesso:** 05/05/. 2017.



NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. (10),. 1993, pp 7-28.

RIFKIN, J. **La era del acceso: la revolución de la nueva economía**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2002. .

SEATON, A.V. “Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism”. **International Journal Of Heritage Studies**. Vol. 2, Iss. 4, 1996, pp. 234-244.

SHARPLEY, R.. “Shedding light on Dark Tourism: An introduction”, In: Sharpley, R., Stone, Ph. R. eds. **The dark side of travel: The theory and practice of Dark Tourism**. Bristol: Channel View Publications. 2009

STONE, P.R. Dark tourism consumption: A call for research. **e-Review of Tourism Research**, 3(5), 2005. p. 109-117.

_____. A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. *Interdisciplinary International Journal*, 52(2), 2006, 145-160.

STONE, P., & SHARPLEY, R.. Consuming dark tourism: A thanatological perspective. **Annals of Tourism Research**, 35, 2008. p. 574-595.

WILLIS, E. **Theatricality, Dark Tourism and Ethical Spectatorship: Absent Others**. London: Palgrave McMillan, 2014.